



No Ar: O “Livro Falado”¹

Sabine Dumaresq Aquino²

Universidade de Fortaleza – Fundação Edson Queiroz

*“Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
“Navegar é preciso; viver não é preciso”.
Quero para mim o espírito [d] esta frase,
transformada a forma para a casar como eu sou:
Viver não é necessário; o que é necessário é criar. (...)”*

- Fernando Pessoa -

Resumo:

Este artigo se propõe a discorrer sobre o projeto de pesquisa “Livro Falado”, que tem por objetivo maior a produção de audiolivros, e fazer uma reflexão sobre os temas que permeiam todo o projeto, ou seja, a questão da informação e da inclusão social por meio das novas tecnologias. O resultado evidenciou que o inovador projeto se fez realidade, promovendo acessibilidade aos alunos portadores de necessidades especiais da Universidade de Fortaleza.

Palavras-chave: informação; inclusão; acessibilidade; “Livro Falado”.

Introdução

Inspirada pelas atividades da disciplina Sociedade de Informação e Tecnologia, da qual faço parte, bem como, do meu trabalho como Monitora Institucional da Disciplina de Produção Publicitária em Rádio onde estou em permanente contato com o áudio senti-me motivada em elaborar este artigo, que tem como objetivo discutir alguns

¹ Trabalho para apresentação no Intercom Júnior (2008) – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

² Universidade de Fortaleza, estudante do 6º. Semestre da graduação do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, Estagiária da Central de Rádio da Universidade de Fortaleza e Monitora Institucional da disciplina de Produção Publicitária em Rádio. E-mail: sabine_aquino@yahoo.com.br



conceitos relacionados ao Projeto de Pesquisa Inclusão em Processo: Ação Interdisciplinar e de Acessibilidade na Construção do “Livro Falado”.

Esse Projeto é coordenado pela Professora Célia Maria Onofre Silva³ e conta com o apoio técnico especializado em gravação de áudio da Professora Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante⁴. Seu objetivo geral é a produção de “Livros Falados” como recurso didático, no sentido de promover a inserção social do aluno com necessidades especiais na Universidade. No entanto, antes de centralizarmos nossa atenção no Projeto de Pesquisa, cabe, inicialmente, fazer um breve estudo sobre a temática da informação e sobre o que seja inclusão digital e social.

Antes de mais nada, o que é informação?

A informação é decorrente da manipulação de dados dentro de um contexto cheio de significados que serão interpretados de forma única e pessoal por cada um de nós. Setzar (2001) coloca que a informação pode ser propriedade interior de uma pessoa ou ser recebida por ela. E segue comentando:

No primeiro caso, está em sua esfera mental, podendo originar-se eventualmente em uma percepção interior, como sentir dor. No segundo, pode ou não ser recebida por meio de sua representação simbólica como dados, isto é, sob forma de texto, figuras, som gravado, animação, etc. Uma distinção fundamental entre dado e informação é que o primeiro é puramente sintático e a segunda contém necessariamente semântica. (SETZAR, 2001:13)

Partindo dessa premissa, fica claro que o computador não pode oferecer informação, pois a máquina não tem capacidade de dar significado aos conteúdos que disponibiliza, ao contrario, cabe a nós escolher e manipular esses conteúdos para obter a informação necessária.

Na sociedade da informação, os conteúdos são colocados na internet de uma forma surpreendentemente veloz. Além dessa característica marcante, podemos citar outras como a alta penetrabilidade das novas tecnologias no mercado, o predomínio da comunicação virtual entre as pessoas e a crescente convergência da tecnologia.

Contudo, devemos nos deter na informação que produz o conhecimento capaz de provocar modificações na consciência do indivíduo. Vejamos o que Barreto (1994) diz a

³ Doutora em Educação - UFC. Professora Titular da Unifor.

⁴ Professora orientadora desse trabalho. Mestra em Educação - UFC. Professora Titular da Unifor.



cerca dessa questão:

A informação quando adequadamente assimilada, produz conhecimento, modifica o estoque mental de informações do indivíduo e traz benefícios ao seu desenvolvimento e ao desenvolvimento da sociedade em que vive. Assim, quem detém a propriedade dos estoques de informação determina sua distribuição e condiciona, potencialmente, a produção do conhecimento. (BARRETO, 1994:11)

Dessa forma, Bagdikian (1994) conclui de forma acertada que os produtores de informação não podem dizer ao indivíduo o que pensar, mas podem induzir sobre o que pensar.

A indústria da informação permeia todo o desenvolvimento humano. Além de decidir quais informações vão ser disponibilizadas à sociedade, ainda determina como será feita a distribuição dessa informação pelos canais tecnológicos.

Hoje em dia, a produção do conhecimento está elitizada nas mãos de poucos que tem acesso de forma integral às informações. Mas sabemos que não basta ter acesso a informação, temos que ter capacidade de elaborar a mensagem que nos é transmitida e transformá-la em conhecimento libertador que trará benefício próprio e à sociedade como um todo.

A democratização da informação abrange o entendimento total do conteúdo oferecido. Nesse contexto, a sociedade de informação só encontrará sua plenitude quando tiver acesso aos canais tecnológicos, mais que isso, condição de digerir a mensagem e assimilar o conhecimento.

Inclusão Digital: uma sociedade de excluídos.

A sociedade moderna está vivendo um período de mudança onde estamos saindo de um modelo industrial para um modelo informacional. Nessa nova sociedade, a inclusão digital é a base democrática do acesso à tecnologia de informação para que todos possam pertencer à sociedade da informação, onde estar incluído digitalmente significa usufruir ao máximo desse suporte para obter melhoria de vida, considerando que a tecnologia de informação, abrange todas as atividades realizadas na sociedade pelos recursos da informática.

Werthein (2000) cita que junto com o jargão da “sociedade da informação” já é



lugar comum a distinção entre países e grupos sociais “ricos” e “pobres” em informação. O governo através de ações sociais, precisa enfrentar o grande desafio de transformar os grupos “pobres” em informação, ou seja, os excluídos digitais, em grupos “ricos” em informação.

No Brasil temos alguns projetos que buscam incluir digitalmente as pessoas de baixa renda e/ou portadoras de necessidades especiais na sociedade da informação, mas a questão central é ensinar e estimular essas pessoas a acessarem e usarem os conteúdos que a tecnologia digital oferece.

Existem várias barreiras a serem superadas, dentre elas a nossa própria língua, pois a maioria dos conteúdos postados na internet estão na língua inglesa. Outra dificuldade a ser considerada é o letramento digital que seria a alfabetização das pessoas no mundo da informática, e a educação considerada num plano mais amplo. Buzato (2003) defende que o letramento digital é o conjunto de conhecimentos que possibilitam as pessoas participarem das práticas letradas mediadas por computadores e outros dispositivos eletrônicos. Seria a capacidade para localizar, filtrar e avaliar as informações eletrônicas em sintonia com as novas habilidades adquiridas na prática digital.

Hoje temos no Brasil uma série de programas oferecidos pelos governos, bem como, por entidades privadas que se propõem a promover a inclusão digital dos menos favorecidos ou portadores de necessidades especiais na sociedade de informação.

Contudo, Sorj (2003) alerta que existem fatores com dimensões ativas e passivas para determinar o nível da exclusão digital de uma sociedade e que essa diferenciação é essencial para desenvolver metodologias que surtam efeitos reais, ou seja, a inclusão digital dos indivíduos na sociedade de informação. Infelizmente, os programas públicos de universalização dos serviços de comunicação focalizam em geral, as dimensões passivas onde o indivíduo não têm a devida apropriação do conhecimento.

Como ilustração do fato, temos os inúmeros telecentros espalhados pelo Brasil que foram criados com o objetivo de oferecer cursos e treinamento presencial e à distância, serviços e oportunidades de negócios visando fortalecer as pequenas empresas e estimular a criação de novos empreendimentos. Porém, fica a impressão de que o governo está dando o “peixe” à sociedade quando deveria ensiná-la a “pescar”.

A exclusão digital tem um forte vínculo com a desigualdade social, onde as pessoas de menor renda são as que estão em maior número à margem da sociedade de informação em relação ao acesso dos bens materiais e, principalmente, a compreensão



dos conteúdos oferecidos por esses bens. Essa questão é visível se considerarmos a quantidade de aparelhos de rádio, televisão e computadores que existem nos países ricos e pobres. Atrelado a esse fato, temos o caráter altamente dinâmico das novas tecnologias em ampliar cada vez mais a distância entre ricos e pobres.

Nesse cenário, há de existir o cuidado com os socialmente menos favorecidos para que não sejam ainda mais excluídos, considerando que aqueles que têm amplo acesso aos modernos meios de comunicação estão em maior vantagem. Sorj (2003) defende que a inclusão digital depende de cinco fatores, a saber:

1. Existência de infra-estruturas físicas de transmissão;
2. Disponibilidade de equipamentos/conexão de acesso (computador, modem, linha de acesso);
3. Treinamento no uso dos instrumentos do computador e da internet;
4. Capacitação intelectual e inserção social do usuário, produto da profissão, do nível educacional e intelectual e de sua rede social, que determinou o aproveitamento efetivo da informação e das necessidades de comunicação pela Internet;
5. A produção e uso de conteúdos específicos adequados às necessidades dos diversos segmentos da população. Enquanto os dois primeiros critérios se referem a dimensões passivas do acesso à internet, as três últimas definem o potencial de apropriação ativa. (Sorj, 2003:84)

Cabe ao governo cuidar da pobreza e de todos os problemas sociais que dela resulta, ou seja, encontrar mecanismos que amenizem a exclusão digital, colaborando para a melhoria de vida na sociedade de informação. Essa luta é árdua e de longo prazo, mas que pode ser travada por meio de ações sociais e parcerias entre o governo e a sociedade.

Seguindo essa linha de pensamento, vamos conhecer agora o Projeto de Pesquisa “Livro Falado” que vem ampliando os canais tecnológicos de distribuição de conteúdos com vista a promover a inclusão social/digital de estudantes com deficiência visual na Universidade.

“Livro Falado” - um olhar sonoro.

Existe na Universidade de Fortaleza um projeto de pesquisa, coordenado pela Profa. Dra. Célia Maria Onofre Silva e com colaboração da Professora Andréa Pinheiro Paiva Cavalcante, que se realiza na busca de conhecer os processos de elaboração dos audiolivros existentes para deficientes visuais, tendo em vista a produção de “Livros Falados”. O trabalho é caracterizado como uma ação interdisciplinar e de acessibilidade



no sentido de promover a inserção profissional e social do aluno com necessidades educacionais especiais por meio das novas tecnologias de comunicação e informação. As formas através das quais as instituições promovem a inclusão e previnem a exclusão constituem o cerne da qualidade de viver e de aprender dos seus alunos (MITTLER, 2003).

O projeto criou vida a partir da percepção de que o aluno com deficiência visual encontra diversas barreiras que dificultam ou impedem que ele tenha acesso aos impressos em tinta, necessitando que os textos sejam transcritos em Braille que é um sistema de leitura com o tato onde o alfabeto convencional é indicado por pontos em relevo. Considerando que esse processo é caro e muitas vezes inviável no caso de obras volumosas, pensou-se em produzir o “Livro Falado” que é uma opção eficiente e menos dispendiosa de promover o estudo acadêmico e a inclusão dos deficientes visuais nas universidades.

Embora os audiolivros já sejam bastante comuns nos Estados Unidos, faz pouco tempo que eles começaram a ser produzidos no Brasil. Inicialmente, foram destinados as pessoas com deficiências visuais, mas hoje esse mercado abrange pessoas que enxergam e querem acessar a literatura por novos meios e formas.

Aos poucos o audiolivro vem abrindo espaços e conquistando o público dos grandes centros urbanos que fica horas preso no trânsito. De olho nesse mercado, algumas editoras já lançaram audiolivros com obras literárias, títulos de auto-ajuda ou negócios. A professora Lilian Jacoto, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, afirma em entrevista, concedida ao Jornal Folha de São Paulo, que o audiolivro pode vir a ocupar um lugar de destaque na realidade do estudante e trabalhador brasileiro: “Para os que atravessam horas do dia confinados num ônibus, num trem, no metrô, a audição de um livro é uma forma de aproveitamento do tempo ocioso, talvez mais produtiva do que a própria leitura, que, para muitos, requer esforço não disponível no momento.”

Mas ouvir com atenção é um aprendizado que exige concentração, já que você não pode voltar o texto e reler o parágrafo anterior. Por outro lado, falar em voz alta também exige sensibilidade do narrador que deverá criar imagens e estimular as emoções do ouvinte.

De acordo com o fundador da Microsoft⁵, em dez anos não haverá mais fitas de VHS ou DVDs e as redes de comunicação alcançarão taxas de transmissão tão altas que

⁵ Disponível em audiolivro.com - Acesso:26.05.08



os filmes poderão ser descarregados diretamente nos aparelhos de televisão do usuário, eliminando o intermédio de um meio físico, fato que já vem ocorrendo com o áudio. A gravação das leituras dos audiolivros é compactada em arquivos denominados mp3, que ocupam até 12 vezes menos memória que o formato tradicional possibilitando a realização desse trabalho.

Fica claro que o mundo tecnológico caminha de braços dados com a informação e faz-se necessário encontrar a melhor maneira de absorver essa tecnologia a fim de colocar a informação ao alcance de todos. O “Livro Falado” se propõe a isso quando busca oferecer meios para que alunos com necessidades especiais possam acompanhar o ensino de instituições educacionais regulares. A Professora Célia Onofre alerta no relatório do Projeto de Pesquisa do “Livro Falado”:

O processo de aquisição de novas aprendizagens por meio do sentido da audição é de grande importância para as pessoas com perda visual, uma vez que oportuniza a aprendizagem auditiva por meio da leitura verbalizada de uma obra, processo que pode contribuir significativamente para sua inserção profissional e social. O sentido da audição é um canal fundamental na recepção da informação para o deficiente visual, daí porque o “Livro Falado” pode ser somado a outras formas de acesso ao conhecimento científico no seu processo de aprendizagem e desempenho acadêmico na universidade. (ONOFRE, 2007:8)

O projeto de levar conhecimento científico por meio de gravações de áudio encontrou apoio em outros Cursos (Comunicação Social: Publicidade e Propaganda, Pedagogia, Letras e Psicologia) que estão participando através de ações interdisciplinares. A gravação do áudio está sendo realizada por vários alunos “ledores” no estúdio de gravação do Curso de Comunicação Social, tudo acompanhado de perto por uma aluna que possui deficiência visual e que pode atestar “in loco” a eficácia do processo.

Cabe ressaltar que os alunos “ledores” foram escolhidos através de um processo de seleção, onde professores especializados no estudo da voz e de gravação em áudio observaram os critérios da boa locução. A realização das gravações em áudio, somada a essa experiência, fez surgir à necessidade de produzir o “Manual do Ledor” que busca orientar sobre alguns aspectos da leitura; tais como entonação, pontuação, respiração, articulação e inflexão da voz. Dessa forma, no intuito de aprimorar a interpretação da



mensagem sonora, o “Manual do Ledor” vem sendo desenvolvido à medida que as gravações para produzir “Livros Falados” avançam no estúdio.

Considerações Finais

Quando pensamos em informação, temos em vista a busca do conhecimento, quando pensamos em inclusão social, temos em vista uma enorme parcela da sociedade que clama por um tratamento justo e igualitário. Da união desses dois conceitos, nasceu o projeto “Livro Falado” que trata dessas questões de forma eficiente e inovadora, usando a magia do áudio para transmitir informação aos portadores de necessidades especiais.

Compreendemos que o caminho da inclusão digital/social é cheio de “pedras”, mas acreditamos também, que essas “pedras” podem e devem ser usadas na construção de uma sociedade melhor. Dessa forma, o Projeto “Livro Falado” vem superando barreiras e apontando novos caminhos ao tratar da questão da acessibilidade de conteúdos didáticos por jovens universitários com deficiência visual.

Referências

BAGDIKIAN, B.H. *O monopólio da Mídia*, São Paulo, Scritta, 1994

BARRETO, Aldo de Albuquerque. *A questão da Informação*, artigo publicado na Revista São Paulo em Perspectiva, Fundação Seade, v 8, n 4, 1994

BUZATO, M.E.K. (2003) – Busca: letramento digital - Acesso: 27.05.08
Disponível em <http://www.educarede.org.br>

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MITTLER, Peter. *Educação Inclusiva: contextos sociais*. Trad. Windyz Brazão Ferreira. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WERTHEIN, Jorge. *A sociedade da informação e seus desafios*. Brasília, p.71-77, 2000.

ONOFRE, Célia Maria Silva. *Projeto de Pesquisa: Inclusão em Processo: Ação Interdisciplinar e de Acessibilidade na Construção do “Livro Falado” na Universidade*, 2007

SETZER, V. W. *Os Meios Eletrônicos e a Educação: Uma Visão alternativa*. São Paulo: Editora Escrituras, Coleção Ensaios Transversais Vol. 10, 2001.

SIMÕES, Eduardo. 1º. Leva inclui biografia de Tim e obra de Maitê. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 4 junho 2008. Ilustrada, E5.



SORJ, Bernard. *A luta contra a desigualdade na Sociedade de Informação*. Rio de Janeiro, 2003.